



As Marcas do sagrado na *Poesia Número V* de Alberto Caeiro

Thomaz Heverton dos Santos Pereira*

Resumo: Este artigo apresenta o poeta Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, para, a partir do poema número V de "O Guardador de Rebanhos", identificarmos marcas do sagrado num poeta cultivador dos sentidos. Caeiro critica a cultura, mas, por outro lado, numa aparente contradição, atribui significados sacralizadores às coisas do natural. O poema escolhido traduz a relação de sacralidade criada por Caeiro.

Abstract: This article presents the poet Alberto Caeiro, a different name of Fernando Pessoa, for, from the poem number V of "the Guard of Flocks", to identify marks of the sacred in a poet that he takes in the sense. Caeiro criticizes the culture; on the other hand, in way to this apparent contradiction, he gives meanings *sacrum* the nature. The poem chosen has the traduction between the relationship of sacrality created by Caeiro.

Palavras-chave: Alberto Caeiro; Sagrado; *Poesia número V*.

Keywords: Alberto Caeiro; Sacred; *Number V Poem*.

A genialidade de Fernando Pessoa transcende a Modernidade de natureza fragmentada e com fraturas, ao mesmo tempo em que dialoga com esta época ao recriar personagens distintos e vivos para interrelacionarem poeticamente com o mundo moderno. Tudo isso graças ao caráter de fingimento que o poeta instaura em sua arte. Como se lê em "Autopsicografia":

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente. (PESSOA, 2004, p. 43)

Para Octávio Paz (1996), Fernando Pessoa, em sua própria insígnia "pessoa", traz a verdadeira face no espaço literário: a de máscaras. Se considerarmos que a palavra 'pessoa' origina-se de *persona*, que significa uma máscara usada pelos atores romanos (p. 201), durante a Antiguidade Clássica, perceberemos que Fernando Pessoa é um poeta dramático. Em verdade, ele conseguiu expor as emoções, as filosofias, os ideais nos seus múltiplos *eus* da poesia. Assim, e em uso metalinguístico, possibilitou pelo menos em dois níveis a sua expressividade poética: o dos heterônimos vistos conjuntamente; e o atuar destes na condição

* Graduação em Letras Vernáculas e Especialização em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Trabalho realizado em cumprimento às exigências da disciplina de Literatura Portuguesa, do curso de Graduação em Letras Vernáculas, ministrada pelo Professor Dr. Francisco Ferreira de Lima, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana.

de indivíduos.

Influenciado pela civilização moderna, com o evidente crescimento demográfico, o desenvolvimento industrial-metalúrgico e a conseqüente expansão urbana, o poeta permitiu-se mergulhar neste mundo, a fim de absorver os aspectos culturais e significativos da vida moderna. Fernando Pessoa foi um intelectual da cultura e uma presa da civilização, conforme Seixas (2000). A linguagem em Pessoa está cheia de significação: cultural, religiosa, humana. E é nessa força de aglutinação cultural e civilizacional que observamos pelo menos três características: “superar os hábitos envelhecidos; aprender e remodelar cada tradição anterior; ter um singular sentimento de tensão dialética entre as partes e o todo unificador e entre as partes conjugadas entre si” (GAMA, 1999, p. 40).

Isso torna Fernando Pessoa semelhante a grandes outros autores e também o eleva à condição de poeta da Modernidade. A época moderna, influenciada por Marinetti, Breton, Tristan Tzara, entre outros, proporcionou novos olhares à arte e à vida. As tecnologias ganharam maior força, o futuro passou a ser a pauta de discussão do momento entre os artistas, e ficar de fora seria marginalizar-se. Assim, Fernando Pessoa, como outrora já afirmamos, instaura em sua produção literária as marcas de um novo tempo. Aprendendo com os novos ditames da modernidade, mas, sobretudo, remodelando a tradição clássica, considerada do passado, ele reúne o passado e o futuro em um só instante, com uma outra roupagem linguística e literária.

O poeta aproxima o olhar para o eu - lírico e ao mesmo tempo turva esse eu, por ser este um fingidor. Agora não é um, são uns: “Eus”. Trata-se do Eu que deseja ser outro. Eis a alteridade pessoana que conduz a poemática heterodiscursiva ao sujeito pluridiscursivo, bem como à polifonia existente. Não há como entender a poesia de Pessoa de forma unilateral, monológica, pois esta é recheada de significação, de metáforas, sentidos outros, imagens, cuja consistência reforça a ideologia do poeta: pensar com a imaginação. É neste momento que se faz uma pausa para falar desta multipersonalidade pessoana. Conforme diz Quadros (1992, p. 35) “os heterônimos (...) são inegáveis manifestações de modernidade intelectual e formal, bem como de gênio criador” ou segundo Muniz (2005, p. 130) Fernando Pessoa: “busca traduzir a heteronímia: as personalidades distintas, o sentir dramaticamente, a mediunidade, a existência de figuras diversas da do autor, o contraste entre a vida interior e a vida exterior, os amigos, as personagens distintas entre si e dele próprio (...)”.

Analisaremos aqui um pouco do perfil de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, considerando-o mestre dos heterônimos. Em seguida, faremos uma releitura do poema número V em “O Guardador de Rebanhos”, visando encontrar as marcas do

sagrado existentes nesta poesia. É salutar que se saiba da diversificação de estudos a respeito do poeta em questão, bem como o fato de que será uma leitura do *corpus* em questão.

1 Alberto Caeiro

Alberto Caeiro, nascido em 1889, na cidade de Lisboa, faleceu de tuberculose também nesta localidade, em 1915. Sem estudo algum, escreveu “O Guardador de Rebanhos” em 1914. Este ano, além do início da Primeira Guerra Mundial, trouxe à tona um dos movimentos de vanguarda literária iconoclastas: o Dadaísmo. Este movimento, considerado como a doutrina do nada, teve o pessimismo, a negatividade de tudo, inclusive da própria existência, como uma das marcas desse período, divulgado por Tzara. Mas, pode haver alguma relação entre Caeiro e Tzara? Será que o mestre confundiu-se com a sociedade na qual viveu e construiu os seus poemas? É possível encontrar em Caeiro algum tipo de denúncia às mazelas da sociedade lisbonense? Sim e Não.

Caeiro está situado neste universo dialético. Ele nega a cultura, a civilização, e afirma a Natureza. Para utilizar-se dessa negação da cultura, entretanto, faz-se necessário ao poeta utilizar-se do conhecimento e superação de tais linguagens, a saber:

(...) ao desmontar as linguagens da cultura, (Caeiro) toma por base o conhecimento e a superação destas mesmas linguagens. (...) Caeiro empreende a crítica da cultura e dos seus sistemas, tecendo a sua obra de uma substância essencialmente simbólica (...). (SEIXAS, 2000, p.108)

Em verdade, Caeiro apropria-se vampirescamente de Pessoa, o poeta da cultura. E a partir disso, da consciência, revela a não-consciência, ou melhor, a inocência. Sabemos que o homem é um ser cultural. Há um conjunto de conhecimentos, interações entre pessoas, e por isso, existem trocas de experiências familiares, pessoais, políticas, sociais, econômicas, além de costumes, de hábitos dos mais variados possíveis. Desde criança, obtemos valores, conceitos, significados culturais. Uns adquirem preconceitos raciais, sociais; outros se mobilizam na manutenção de tradições familiares – o casamento entre parentes a fim de manter a herança é um exemplo; assim, temos a interpretação da cultura, através dos sentidos dispostos por cada ser humano.

A representação cultural faz-se prioritariamente pela linguagem. Esta se constitui de imagens, cuja formação produz significado, ou seja, determinado conceito cultural. Na literatura religiosa, por exemplo, podemos ver como os nomes concebem significados culturalmente importantes. A título de ilustração, pensemos na revelação proposicional do Criador ao povo de Israel e observaremos uma série de conceitos acerca deste Deus. Para Abraão, o Todo-Poderoso; para Moisés, o Eu Sou, ou Iavé. Isso fomentava na mentalidade do povo uma estruturação cultural, e, sobretudo, religiosa, mas também na dos patriarcas e dos

profetas. Sem falar no resgate da história dos israelitas e, conseqüentemente, da memória. Se fôssemos continuar a narração, notaríamos que Moisés adquiriu um pré-conceito diferenciado na imaginação profética popular e também que o povo manifestou-se em busca de uma libertação, em busca de identidade.

“Nomear é ser” (PAZ, 1996, p. 211). A nomeação das coisas consagra um ser, um indivíduo, um objeto. E este contém toda uma gama semântica, e “as palavras possuem um valor que reside no sentido, o qual aponta para as coisas”, conforme Paz (1996, p. 43). Por saber então que a linguagem é significado, como pode Caetano dissociar-se da cultura, uma vez que seu objeto é a linguagem?

Talvez a primeira forma de dissociar-se da cultura seja experimentar aprender a desaprender, como sugere Cid Seixas, ao citar os versos do poeta: “Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!) / Isso exige um estudo profundo/ Uma aprendizagem de desaprender.” (2000, p. 98). A questão é: como fazer isso, se a cultura está presente em nós?

Caetano chama a atenção para o primitivismo. É interessante notar que, nestes versos acima, o poeta nos convoca a um desvestir-se. Deixar as roupas da cultura, instalando uma não-cultura. Isso é de fato muito complexo. Mas há uma alternativa: “a aprendizagem do desaprender”. Trata-se do recomeçar, reiniciar, re-estabelecer, desdesignificar as coisas, o mundo, a si mesmo. Em suma, o poeta traz a Ele mesmo. Assim diz Paz (1996, p. 210): “pedra é pedra e Caetano é Caetano”.

Caetano não associa o objeto ao sujeito, tampouco não carece nomear as coisas, uma vez que: “as coisas não têm significado: têm existência”. E esta existência é uma proposta de reconciliar o homem à natureza, pois é nesta que está o verdadeiro primitivismo. Isso lembra o feto em formação, a vida gerada com toda singeleza e pureza humanas.

A volta de Caetano à Natureza é a segunda forma de relacionar-se à cultura. E este retorno nada mais é do que o mito da criação. Eis o homem em processo de formação, aliás, destituído de qualquer formação cultural, senão a aprendizagem acerca da Natureza, sobre a natureza. E isso o torna essencialmente cultural. A cultura caetaniana é a não-cultura, assim como o pensar é o não - pensar. Em outras palavras, “(...) A borboleta é apenas borboleta/ E a flor é apenas flor”. (XL, 162). Para o homem sem cultura as coisas são tão somente coisas; os objetos, objetos e a natureza, natureza. De fato, as palavras adquirem o sentido verbal, mais conhecido como denotação, mesmo que entendamos o significado como suporte cultural.

Essa magia caetaniana de restituir o homem ao seu habitat natural revela a terceira maneira deste poeta para sobrepujar a cultura: restaurar a inocência. Junto à natureza, Caetano destituiu a árvore do conhecimento, usufruída por Adão no paraíso, e reinstalou a Árvore de

Vida, ou da inocência. E ser inocente é um mito. A inocência para Caetano é não pensar. Tentando aproximar-se desse ápice, Caetano reutiliza o linguajar infantil, mesmo por saber que a inocência existe antes da linguagem, conforme Octávio Paz (1996).

A quarta e última maneira que se aborda neste trabalho é “o encher de sensação” que há em Alberto Caetano. Seixas (2000, p. 108 *apud* Coelho) diz: “ouvimo-lo argumentando, criticando, não transmitindo sensação, mas discorrendo sobre sensações. (...) Caetano é, sobretudo inteligência. Filosofia contra a filosofia.”

Caetano evidencia a visão, o olfato, a audição, o tato e o gosto em seus poemas, ou seja, os sentidos com que o homem primitivo, inocente, percebe sinestesticamente o mundo a sua volta. Ao fundamentar-se nestas sensações, o poeta afasta o sexto sentido: o simbólico. Através das sensações, o humano sente a realidade tal como é possibilitando fazer diferença entre isso e aquilo. Essa construção firma Caetano como o poeta do objetivismo absoluto. O que dizer, então, das metáforas? Metáforas! Não. As palavras são o que são. Certamente, as sensações são as metáforas. E Caetano em um gesto singular “quer sentir a natureza não como um homem, mas como se sente a natureza” (SEIXAS, 2000, p. 103). A partir de um Universo existente, outro Universo é criado; é um novo olhar, direcionado para longe da cultura, um olhar inaugural. E por isso, a insurgência do novo: novo planeta, novo universo, novo homem, novo poeta, nova poesia, nova natureza.

O poeta, Alberto Caetano, conduziu muitos outros poetas ao frescor e sabor de uma linguagem aquém da linguagem (Metalinguagem). E como “Guardador de Rebanhos” agiu numa tensão dialética do Sim e do Não, do pensar e do não - pensar, do filosofar e do não - filosofar, do cultivar e do não-cultivar, enfim, para atingir a máxima: dessignificar o mundo mediante o olhar.

2 O sagrado

As religiões traçam um aspecto de poder entre o homem e Deus, estabelecendo que este esteja nos céus, afastado dos pecadores, pronto para ouvir atentamente a súplica de suas criaturas: os homens. E eles, de diferentes modos, tentam alcançar os favores, a atenção, a manifestação desse Deus que, misteriosamente, deixou de falar diretamente com o homem depois da desobediência adâmica, segundo o Cristianismo.

Segundo o povo Fangs, da África Equatorial:

Deus (Nzame) está no alto, o homem está em baixo.
Deus é Deus, o homem é o homem.

Cada um no seu país, cada um em sua casa. (ELIADE, s/d, p. 135)

Tal “afastamento do divino” nada mais é do que o desejo do homem em descobrir suas próprias questões religiosas, culturais, enfim, de vida. O céu, a “morada dos deuses”, é o retrato do inacessível, é o transcendente conscientizado para o homem de que este possui um limite, tem uma efemeridade diante do ser, que é eterno, absoluto e sobre-humano. Por saber disso, o homem constrói um convívio com a agricultura, com a caça, com a pesca, em suma, há uma participação da experiência religiosa com a vida humana. Surgem os deuses da Terra, cuja fertilidade traz sementeira; deuses da guerra, cuja força concede vitória sobre os inimigos. E o Criador, então, tem substitutos desde que estes supram corriqueiramente as necessidades dos momentos de dificuldade do homem religioso.

Notamos assim que o homem religioso configura, através de imagens, especialmente, a Natureza, valores sobrenaturais. As águas, as pedras, as montanhas, o céu, as árvores, a lua, tudo é exemplo de figuras que assumem um quê cósmico, ou melhor, de hierofania. Tomemos como destaque as palavras Montanha e Pedra. A primeira, para o *homo religiosus*, liga o céu à terra. Quem não se lembra das Tábuas da Lei, escritas por Deus, no Monte Sinai? Ou da montanha em que o profeta Maomé recebeu a revelação de Alá? O povo israelita, a saber, manteve, na cidade de Jerusalém, um monte como sendo santo, bem como o povo de Samaria – Monte Gerizim; lugares onde houve o processo hierofânico. Em relação à segunda palavra, ou elemento da natureza, a pedra, vemos na literatura religiosa o exemplo do patriarca dos israelitas: Jacó. Quando dormia, viu em sonho a escada, a qual ia até aos céus e por ela desciam e subiam anjos. Ele ouviu uma voz, dizendo; “- Eu sou o Eterno, o Deus de Abraão!” a partir deste instante, Jacó pega a pedra que usava como travesseiro e a erige, constituindo assim um altar ao Deus de seus país.

Assim, “uma pedra sagrada é venerada porque é sagrada e não porque é pedra; é a sacralidade manifestada através do modo de ser da pedra que revela a sua verdadeira essência”. (ELIADE, s/d, p. 143). Em verdade, a pedra não deixa de ser pedra, porém carrega a sacralidade consigo. Agora, é uma pedra especial, de valor superior dentre as demais.

Duas abordagens até aqui se mostraram: o Transcendente e a Natureza. O primeiro elemento assume o sentido que lhe é próprio. O segundo recebe do ser religioso significações outras, sobrenaturais. Logo, para o ser supremo não há um meta-sentido: Deus é Deus. Por outro lado, a Natureza não é tão somente Natureza, pode também ser Deus.

Em meio às manifestações de concretização do divino, o homem apropria-se da magia, do *tremendum* para reorganizar-se. Ao construir altares, oferecer oferendas, atribuir a um objeto um estado sacro, o ser humano institui dentro de um espaço homogêneo e caótico

(espaço profano), o que se denomina Sagrado.

O Sagrado, segundo Rosendahl (1996, p. 27), “se relaciona a uma divindade”, indicado mediante hierofanias. Tal termo quer dizer manifestação. Em virtude disso, verificamos que o Sagrado proporciona ao lugar uma ordem. Esta é a síntese outrora perdida na alma humana, que é a de totalidade. Por meio do espaço sagrado, o homem, incompleto que está, encontra-se com o todo, o uno, fundindo-se na tão sonhada unidade e satisfação como indivíduo com o Criador. Define-se assim o espaço sagrado, de acordo com Rosendahl (1996, p. 30): “é um campo de forças e de valores que elevam o homem religioso acima de si Mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência.”.

O sagrado em si é uma consagração de um lugar que possibilita um recomeçar, recriar, porque o ser religioso instaura uma nova ordem, apartando-se do Cosmo caótico, instável, sem direção ao encontro com o Universo. E o homem “não é só matéria, mas um ser espiritual, valorizado pela sua própria consciência” (ZAQUEU, 2000, p. 18). E é isso: a busca pelo divino, pelo Outro, pelo Transcendente, está intrínseco à condição humana.

3 A Poesia Número V: análise e marcas do sagrado

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,

Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

"Constituição íntima das cousas" ...
"Sentido íntimo do Universo" ...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.
Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora. (PESSOA, 2004)

Depois do que lemos acerca da proposta poético-filosófica de Caeiro e sobre o Sagrado, nos perguntamos: é possível encontrar marcas do sagrado em um poeta da Natureza?

Sabendo que Caeiro critica a cultura, como perceber, então, elementos do sagrado em sua poesia e, especialmente, no *poema número V*, em “Guardador de Rebanhos”?

A crítica ao pensamento é uma marca de Caeiro. O poeta já inicia afirmando que o não - pensar é metafísico. Para ele, pensar é um elemento da cultura, que molda o ser humano, e o distancia do sentido real das coisas. O homem civilizado está, portanto, mais próximo do conhecimento e distante da Natureza.

Na segunda estrofe, o poeta novamente questiona o pensar. Agora, mais especificamente o mundo. O mundo caeiriano é carregado de sensações: o tato, o olfato, o gosto, a audição e a visão. Através destas sensações, Caeiro percebe o mundo sem, necessariamente, convidar o pensamento para fazer parte disso. A única alternativa para pensar o mundo, então, é adoecer. A doença afeta os nossos sentidos físicos, impedindo-nos de discernir a diferença entre as coisas. Por isso, vale dizer que a razão iguala tudo.

Na terceira e quarta estrofes, Caeiro questiona a filosofia: “que idéia tenho eu das cousas?” e também as religiões. Tanto em um quanto em outro há perguntas sem muitas respostas. Quando se estuda Filosofia, três questões são básicas: quem sou? De onde vim? Para onde vou? A religião como discurso, materializa tais respostas, apresentando, por exemplo, em relação à indagação: “de onde vim?”, os episódios da Criação. Tanto gregos, quanto cristãos e outros povos, possuem um mito criacional. E logicamente, representam a sociedade em que vivem. O interessante é que Caeiro gradativamente coloca em discussão os termos “idéia”, “opinião”, “meditado”, todos associadas à reflexão, conjecturas do pensar. Em um ato, talvez de desviar-se dos questionamentos da terceira estrofe, ele responde: “Não sei”. E em seguida expõe que “pensar nisso é fechar os olhos/ E não pensar. É correr as cortinas”.

Primeiramente, pensemos na expressão: “não sei.”. O poeta não sabe por que está com dúvidas e quem tem dúvida é porque conhece, ou por que não saber implica em ser ignorante, e ignorância é a ausência de conhecimento e de afirmações culturais? Surge aí o paradoxo caeiriano em sequência: pensar apaga os sentidos e não pensar é ver o mundo livre e inocentemente. De fato, Caeiro conhece para desconhecer ou ratifica a “aprendizagem do desaprender”.

Daí, não tem como haver mistério. Já disse Caeiro em outro poema, o número XXXIX, “o mistério das coisas é não ter mistério algum”. Mas, no *poema V*, quinta estrofe, Caeiro coloca em xeque, dialeticamente, os que pensam no mistério e, por isso não enxergam o sol, os vales, as plantas etc.; e os que diferentemente se apropriam da visão para ver, dos ouvidos para ouvir, da boca para degustar, do tato, para apalpar, do olfato para cheirar. O

Sagrado, com o fascínio nele existente, conduz o homem a encontrar-se com o mistério. Este *mysterium fascinans* é o lugar de expansão da perfeita plenitude do ser (ELIADE, s/d, p. 24). E isso não é pensar, é sentir.

Assim, como há uma interrogação ao mistério das cousas, o poeta põe em evidência a Metafísica. A sexta estrofe materializa a metafísica. Podemos inferir que a metafísica é a naturalidade das árvores, dos objetos do meio natural em si. Trata-se da auto-gerência do circuito da natureza, porque nela existem períodos de nascimento, crescimento, reprodução e morte. Em outros termos, esta estrofe enfoca: a natureza tem estações, ela sabe a hora certa de agir.

Ainda em se tratando das coisas não tem a possibilidade de atribuirmos “sentido íntimo”. Haja vista as cousas serem cousas traduz literalmente o real. Vivenciamos o objetivismo absoluto de Caeiro. Então, ele conclui na sequência de estrofes sete, oito e nove que “único sentido íntimo das cousas/ É elas não terem sentido íntimo nenhum”. As coisas quando nomeadas geram uma significação, constroem características e fundamentam conceitos. Ao replicar as duas assertivas “Constituição íntima das cousas...” / “Sentido íntimo do Universo...”, Caeiro utiliza-se da linguagem, impondo também um conceito, ou melhor, um contra-conceito, uma antítese: “tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada”. Tudo é falso. E tudo não é nada. Platão dividiu o mundo em dois estágios: o sensível e o das ideias. Este representa o Belo, o Verdadeiro; e aquele, o falso, o aparente. E Alberto Caeiro situa-se exatamente neste, uma vez que experimenta e abusa das sensações.

E por causa de não experimentar Deus mediante a visão, Caeiro tenta desconstruir a existência divina. As estrofes seguintes se concentrarão no aspecto divino-natural. Para não se tornar cansativo, explanaremos de modo mais amplo, chamando a atenção necessária ao tema proposto.

Deus está nos céus. E essa condição já o expulsa do nosso convívio. O homem carece de uma presença do divino. Deus necessita estar mais próximo do humano, visível: “não acredito em Deus porque nunca o vi. / se ele quisesse que eu acreditasse nele,/ Sem dúvida que viria falar comigo e entraria pela minha porta dentro/ Dizendo-me: Aqui estou!”

Nesta estrofe, além da personificação de Deus, vemos a expressão dos sentidos. “Falar”, “entrar” e quando dissesse “Aqui estou!” o poeta o veria e o ouviria. Aos que pensam isto não faz o menor sentido, releva-se comentar que o fato de trazer à tona Deus nas discussões é uma espécie de contato, de manifestação do sagrado. Trata-se de convocar a divindade, estabelecer com ela um diálogo e dessa maneira o espaço sagrado entre o homem e o Deus. Caeiro, por conseguinte, afunila ainda mais esse contato quando destrona Deus, ou

seja, desconstrói a existência de Deus nos Céus, aproximando-o dos homens, os quais, segundo o Mestre Caeiro, vivenciam com os sentidos, ou pelo menos deveriam, desvincilhando-se também da cultura e achegando-se à Natureza.

“Deus é as flores e as árvores e os montes e sol e o luar.” Deus é aquilo que posso ver: a Natureza. Por entrar em ligação com o mundo natural via os sentidos, pode-se criar, instituir uma nova Natureza, e, com isso, elevá-la à condição de sacra. Caeiro, genialmente, tira Deus da transcendência e o coloca imanentemente ao ser humano. Isto é, os homens com os deuses da terra, da mãe-natureza mantêm uma interação. E esta situação nem precisa de um novo nome “Deus”, mas de nomes já dispostos naturalmente: “Se Deus é as árvores (...) chamo-lhe árvores”.

Por isso, ser ele participante da Natureza. Consequentemente, para Caeiro “a Natureza é divina”, corroborando ainda mais as marcas do sagrado ao poema quinto do *Guardador de Rebanhos*. Alberto Caeiro, portanto, torna sagradas as sensações. O próprio pensar em Deus é vê-lo e ouvi-lo; e isso, graças à divinização da Natureza. Em suma, é a sagração da Natureza e a naturalização do sagrado. E este só é possível também por causa da experiência do sentir, do ver, do perceber. Senão, quem acreditaria em Iavé para atravessar o Mar Vermelho?

4 Considerações finais

Fernando Pessoa realmente se mostrou um gênio na Literatura Portuguesa. Dentre os vários personagens criados, Alberto Caeiro era considerado o Mestre. E certamente conseguir negar a cultura, ante a qual todos os indivíduos estão tão próximos não é nada fácil. Caeiro instrui-nos a minar o processo cultural existente em nossas vidas, através da “aprendizagem do desaprender”. Mas para fazer isso foi necessário mergulhar na própria cultura a fim de negá-la.

A poesia caeiriana, então, a cada construção representa uma “recriação da visão primitiva das coisas pela linguagem” (SEABRA, 1982, p. 95). Esta, de modo simples, apresenta a Natureza como lugar dessa aprendizagem para desaprender ou desvestir a alma. O homem é cultural e possui conceitos, valores e significados. Por isso, o retorno à situação de primitivismo proporciona ao ser humano limpar os olhos da “poeira do tempo”; isso porque o encontro com as sensações há de reacender a condição animal do homem e, com isso, o aproximar do meio natural.

Essa sensação também faz parte do invólucro do Sagrado. Este envolve o humano no ver, no tatear, no ouvir. Enfim, o Sagrado instaura o novo, diante do que não vê, sentindo;

compõe também um novo olhar diante do mundo. Por estabelecer uma montanha como santuário de alguma divindade, ali é também um retorno ao ambiente de sossego e tranquilidade, cuja sensação nada mais é do que o purificar-se de tudo que a alma carrega como sujo, impuro. É importante “tirar as sandálias dos pés” para encontra-se com o Sagrado.

Referências

- BARBOSA, Frederico. *O Enigma em Pessoa: Introdução à obra de Fernando Pessoa*. Disponível em: <http://fredb.sites.uol.com.br/pessoa.html> Acesso em: 31 dez 2006.
- BARBOSA, Frederico. *Pessoa além dos heterônimos*. Cult: Revista Brasileira de Literatura, jan. 1999. p. 40 – 43
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- GAMA, Rinaldo. *O drama da linguagem*. Cult: Revista Brasileira de Literatura, jan. 1999. p. 40 – 43
- KUJAWSKI, Gilberto de M. *O sagrado existe*. São Paulo: Ática, 1994.
- MUNIZ, Marcio Ricardo Coelho. Uma ausência sentida: reflexões sobre a Heteronímia em Fernando Pessoa. In: *A cor das Letras: revista do departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana*. Feira de Santana: 2005, Vol. VII, p. 125-139.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Espiritualidade: ontem, hoje e sempre*. Recife: STBNB, 2000.
- PAZ, Octavio. *Imagem*. In: PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 37 – 50.
- PAZ, Octavio. *O desconhecido de si mesmo*. In: PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 201 – 220.
- PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio: poemas completos de Alberto Caeiro*. Seleção de Teresa Rita Lopes. 12 ed. São Paulo: Global, 2004.
- PESSOA, Fernando. *Os melhores poemas de Fernando Pessoa*. Seleção de Teresa Rita Lopes. 12 ed. São Paulo: Global, 2004.
- QUADROS, Antonio. Introdução cronológica à vida e à obra. In: QUADROS, Antonio. *Fernando Pessoa: vida, personalidade e gênio*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p.21 – 58.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

- SEABRA, José Augusto. Alberto Caeiro ou o grau zero da poesia. In: SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 89-107.
- SEGOLIN, Fernando. *Mestre Caeiro e Clássico Reis*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/sego01.html>. Acesso em: 29/06/2009.
- SEIXAS, Cid. *A poesia como metalinguagem*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/cseixas05c.html>. Acesso em: 29 jun 2009.
- SEIXAS, Cid. *Caeiro, o estraga-festa ou o meta-simbólico*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/cseixas02c.html>. Acesso em: 29 jun 2009.
- SEIXAS, Cid. *Caeiro, poeta impossível de existir*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/cseixas04c.html>. Acesso em: 29 jun 2009.
- SEIXAS, Cid. *O Único Poeta da Natureza*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/cseixas03c.html>. Acesso em: 29 jun 2009.
- SEIXAS, Cid. Utopia em Pessoa. In: FONSECA, Aleilton. *Rotas & imagens: literaturas e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/ coordenação do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2000, p. 93 – 112.
- STEINER, George. *Fernando Pessoa e seus heterônimos*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/gs01.html>. Acesso em: 29 jun 2009.